

A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER CAIPIRA E SEUS REFLEXOS NA ESCRITA DA HISTORIOGRAFIA DE GOIÁS

Arnaldo Salustiano de Moura:

Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa
de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás:
Territórios e povos tradicionais do cerrado.
Email: arnaldosalu@bol.com.br



**Caipira, sertanejo,
literatura, preconceito
representação**

RESUMO: O presente artigo analisa a não utilização da palavra “caipira” nos textos literários e acadêmicos e o uso correto ou incorreto de palavras correlatas em substituição. Analisa também a construção ideológica do significado da palavra caipira, buscando explicações para a existência ou não do preconceito e as possíveis consequências deste na identificação dos goianos com a cultura do estado.

CONSTRUCTION OF CHARACTER CAIPIRA -And his reflections on writing the historiography of Goiás

**Caipira, sertanejo,
literature, prejudice
representation**

ABSTRACT: This article analyzes the non-use of the word "caipira" in literary and academic texts and correct or incorrect use of related words to replace the word “caipira”. It also analyzes the ideological construction of the meaning of the word “caipira”, seeking explanations for the presence or absence of prejudice and the possible consequences of the identification of *goianos* with the state culture.



Envio: 02/08/2015 ◆ Aceite: 14/11/2015

INTRODUÇÃO

Quando definimos a cultura caipira como nosso objeto de estudo, observando as fontes, que ao contrário do que imaginávamos, é vasta, logo percebemos um fato que muito nos incomodou: tanto na literatura como na produção acadêmica existente, a palavra “caipira” pouco aparece. Mais tarde compreendemos que o uso da palavra foi inibido, e que ao invés da palavra “caipira” buscou-se a utilização de outros nomes, sendo que para isso, os autores não tiveram dificuldades, uma vez que sinônimos existem muitos:

Caipira: “ (sin.) sendo alguns regionais: araruama, baba quara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba ou biriva, botocado, bruaqueiro, caapora, **caboclo**, caburá, cafumango, caiçara, cambembe, camisa, canguaí, canguçu. capabode, **capiau**, capicongo, capuava, capurreiro. casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbá, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, **jeca**, mambira, mandi ou mandim, mandioqueiro, manojuca, maratimba, mateiro, **matuto**, mixanga, mixuango ou muxuango, mcorongo, moqueta, mucufo, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, quejeiro, restingueiro, **roceiro**, saquarema. **sertanejo**, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba ou urumbeva ..”. Ferreira , 1986.

Os nomes que aparecem em destaque na lista acima são os mais utilizados em substituição à palavra “caipira”, tanto na literatura quanto no texto acadêmico, mas outros como: camponês, campesino, homem do campo, agricultor, rural, gente do campo, rústico, habitante do interior e interiorano também são muito usados.

Podemos entender o gesto de substituição da palavra como uma provável ocultação do sujeito, da representação mental que o autor tinha do caipira, e na maioria das vezes esta troca de palavras não significa prejuízo na qualidade do texto. É difícil apontar as vezes em que isso ocorreu propositadamente, inconscientemente, por pudor, excesso de zelo cientificista ou se por preconceito mesmo. Mas não é esta nossa intenção.

O que chamamos de excesso de zelo cientificista seria o caso, por exemplo, do autor que lida com um determinado conceito de sertão, e que por isso denomine o sujeito de sua narrativa “obrigatoriamente” de sertanejo, mesmo que seja óbvia sua intenção, ou a necessidade de falar do caipira. Pode ocorrer ainda, pela não identificação do autor com teorias que afirmam a existência de um “povo caipira” ou uma “cultura caipira”.

O uso da palavra “sertanejo” em substituição da palavra “caipira” talvez seja a que ocorre mais frequentemente. O que diante do exposto por Amado (1995. p. 145, 151), é absolutamente compreensível, pois, além da abundante produção literária, “a pintura, o teatro, a música, revistas, jornais, rádios, e também a televisão” se ocuparam do tema Sertão, “Talvez nenhuma outra categoria, no Brasil, tenha sido construída por meios tão diversos” (AMADO, 1995 P.145). Até meados do século XIX, sertão designava as áreas indomadas, afastadas do litoral, “terras sem fé, lei ou rei, habitadas por índios e animais”, para depois passar a ter uma nova significação, onde o enunciante a partir de qualquer lugar do território poderia apontar sertões como sendo “espaços desconhecidos, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges infiéis, onde não haviam chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura”. Desta forma, poderia ser o sertão do Ceará, Amazonas, Santa Catarina, Paraná, São Paulo ou o sertão de Goiás. Se o habitante do sertão é o sertanejo, teoricamente, estaria justificado o uso da palavra “sertanejo”, também com sua carga de sentidos negativos, em substituição da palavra “caipira”. Em muitos casos sim, em outros não.

Descartados os casos de convicção teórica, supomos que muitas vezes isso ocorra mesmo por falta de conhecimento ou por preconceito, velado ou inconsciente. Sem a necessidade de classificar estes casos de ocultação, veremos como e porque isso ocorreu.

Nossas observações neste texto, partem do pressuposto de que existe um sujeito histórico devidamente identificado, possuidor de um modo de vida e de uma cultura específicos, que tem territorialidade, tem linguagem e um dialeto característico a quem foi dado o nome de caipira.

Antônio Candido (1975), e Darcy Ribeiro (1986), descrevem detalhadamente o processo em que se deu a ocupação do território que chamam de Paulistânea, compreendido pelos estados de São Paulo e Goiás na sua totalidade e parte dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio de Janeiro e no qual se originou e se reproduziu a Cultura Caipira.¹

¹ Amadeu Amaral, Cornélio Pires, Carlos R; Brandão, entre outros, também afirmam o caipira e sua cultura

Em “O Povo Brasileiro”, Darcy Ribeiro distingue, culturalmente, o sertanejo do caipira. Ali existem o “Brasil Caipira” (RIBEIRO 1986, p.329) e o “Brasil Sertanejo”² (Idem p.306). Suas origens, historicidade, modos de vida e região de abrangência seriam diferentes (idem p. 307, 346). Resumidamente, o primeiro surge da ocupação do centro sul do país e sua historicidade relaciona-se ao avanço leste oeste dos paulistas e à atividade mineradora, o segundo relaciona-se à ocupação do agreste nordestino por meio de uma “economia pastoril associada originalmente a uma produção açucareira” (ibidem, p.307). Desta forma, referir-se ao vaqueiro do sertão de Pernambuco como “caipira” ou ao lavrador dos cerrados de Goiás como “sertanejo” incorreria em erro.

No entanto, tais práticas de tão recorrentes são assimiladas sem estranhamento, ao ponto de a música nascida no seio da cultura caipira ter recebido o nome de “música sertaneja”³.

Na literatura, esta prática também é muito comum, provavelmente a existência de muitas obras produzidas tendo o nordeste como cenário, e sertanejos como personagens⁴, tenha influenciado os autores das primeiras produções da literatura regional de temática caipira⁵, em que o sujeito dos enredos apesar de utilizarem o dialeto caipira nos diálogos, ter como cenário as paisagens do cerrado ou do interior paulista e reproduzirem a cultura caipira em suas ações, eram chamados de caboclo, sertanejo, roceiro etc⁶.

Um bom exemplo é o conto “A enxada” de Bernardo Elis, conto publicado no livro “Veranico de Janeiro” de 1966, que conta a triste história do caipira Piano, lavrador sob o regime de meação. Elementos do texto como a figura do coronel, o papo que Piano carrega (o bócio), e a lage no piso das ruas, colocam a ação na primeira metade do século XX, em Pirenópolis ou Corumbá. O conto descreve o contexto de pobreza e exploração a que os

² Descreve também o “Brasil Crioulo”, o “Brasil Caboclo” e o “Brasil Sulista”

³ Atualmente tem-se usado a denominação de “música sertaneja” para o estilo modernizado, carregado de outras influências, e de “música caipira” ou “de raiz” para as de estilo e temas mais tradicionais.

⁴ Alguns autores da Primeira fase do regionalismo no fim do Sec. XIX: José de Alencar, “O Sertanejo”; Franklin Távora, “O Matuto”; Afonso Arinos, “Pelo Sertão”; Bernardo Guimarães, “O Ermitão de Muquem”; Euclides da Cunha “Os Sertões (sobre Canudos) já no começo do Sec. XX.

⁵ Alguns Regionalistas com temática caipira no sec. XX: Monteiro Lobato “Urupês” (1918); Guimarães Rosa “Grande Sertão Veredas”(1956); e em Goiás: Hugo de Carvalho Ramos, “Tropas e boiadas” (1917); além das obras de Bernardo Elis, Carmo Bernardes e Bariani Ortencio.

⁶ Exceção a Waldomiro Silveira, “Os caboclos” (1920) no qual narra causos do caipira paulista; e Cornélio Pires, “Musa Caipira” (1910), “Quem conta um conto” (1916), “Conversas ao pé do fogo” (1921) entre outros livros em que enaltece o caipira e sua cultura.

caipiras eram obrigados, utiliza muito do dialeto caipira, ao ponto de na edição “Seleta Bernardo Elis” (1991), o conto com vinte e seis páginas aparecer com três páginas e meia de glossário com sessenta e nove notas. Em “A enxada” Elis classifica o personagem Piano de “camarada”, pois eram assim chamados os trabalhadores em sua condição. Mas ao narrar um cochicho entre ele e a mulher, Elis o chama de “roceiro”: “As palavras eram comidas... restando apenas o miolo. Para alguém que não fosse *roceiro* as palavras seriam ininteligíveis” (ELIS, 1991, p.97). No fim do conto descrevendo o movimento na cidade por conta da Festa do Divino (festa do catolicismo popular típica da cultura caipira), apresenta outros personagens também como roceiros: “a *roceirama* entupindo as salas,... agachados pelas cunzinhas, pelos quintais...”, “Cada *roceirão* de pé mais grosso que casco de boi, camisa de banda de fora das calças, facão jacaré na cintura.”, (idem, p.104) “... e chamava para a porta da igreja a meninada *roceira*...” (ibidem, p. 105), usa também outro nome, este, pouco utilizado: (o comerciante) “atendendo o *queijeiro*⁷ molengo e inzoneiro, que gastava duas horas para comprar um carretel de linha...” (ibidem, p104) . Os grifos são nossos.

Não resta dúvida durante a leitura, de que Elis fala de caipiras goianos, mas a palavra não aparece. Temos uma hipótese que pode justificar: Bernardo Elis manteve contato desde os anos quarenta com vários autores do eixo Rio-São Paulo, entre os quais Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e com Monteiro Lobato. Elis estava a par das recentes discussões deste último acerca do caipira (que veremos mais adiante). Supomos que este possa ter sido um motivo para que evitasse a palavra.

Outro caso que vale a pena citar, este, um texto acadêmico, é o da página vinte e nove do livro de Oliveira (2013), “Chacinas, combates & massacres: medo e violência em Goiás”. Nesta única página, parte do texto em que trata do medo da polícia e dos revoltosos em Goiás, o autor usa a palavra “caipira” e “rural” uma vez, e a palavra “sertanejo” quatro vezes. Vejamos:

O autor inicia o texto citando aquele que temos hoje, como um ícone da cultura caipira goiana, Geraldinho Nogueira : “um pequeno sitiante do município de Bela Vista que contava causos num *dialeto rural*...” (OLIVEIRA, 2013 p.26). Diz que em “O caso da bicicleta, relata numa autêntica *linguagem caipira*, as suas desventuras...” (idem, p.26), que o modo de

⁷ Cf. Dicionário Aurélio: *Queijeiro* .S.m. 1. Fabricante e/ou vendedor de queijos. 2.Bras., GO. *CAIPIRA*.

pensar de Geraldinho, é “uma fonte para se compreender o *modo de pensar sertanejo*” (ibidem, p.26), que no conto de Bernardo Elis, A enxada, “nota-se a ojeriza dos *sertanejos* aos policiais.” (Ib, p.26), que em Santa Rita, de Carmo Bernardes “fica patente a desconfiança do *sertanejo* em relação aos policiais.” (Ib, p.26), que certa feita... “os *sertanejos* aproveitam a ocasião para conseguir carne de caça.” (Ib, p.26). Os grifos são nossos.

Em 1920 Amadeu Amaral escreveu o seu “Dialecto Caipira” e na introdução diz que “É de todos sabido que o nosso falar caipira – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população...”(AMARAL, 1920 p.11) e referindo-se ao interior de São Paulo da passagem do sec. XIX para o XX afirma que “o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana.”(Idem p.11); Assim era o Geraldinho: um caipira! Se o próprio Oliveira afirma que a linguagem de Geraldinho era caipira, porque dizer que utilizava um dialeto rural? Aliás, se tomarmos a palavra “rural” em oposição à palavra “urbano”, o termo *dialeto rural* ou não existe ou pode ser utilizado para todas as áreas não urbanas, de qualquer recanto. Quanto a Geraldinho refletir o modo de pensar sertanejo, nos soa como se um retirante da seca no Ceará pudesse refletir o modo de pensar caipira.

Como vimos, Bernardo Elis no conto “A enxada” usa termos como roceiro e queijeiro para falar de seus personagens que vemos como caipiras. Não usa nenhuma vez a palavra sertanejo. Para Oliveira, quem sente ojeriza aos policiais em “A enxada” e desconfiança em relação aos policiais em “Santa Rita”, são sertanejos. Como já foi dito, não é nossa intenção descobrir motivos ocultos, mas no caso específico de “A enxada”, o autor ou preferiu ver o sertanejo nos personagens, ou não quis ver o caipira, ou simplesmente não viu.

Nossas observações em nada comprometem a qualidade dos dois textos citados. A enxada continuará sendo um clássico da literatura goiana e nacional, e o texto de Oliveira continuará sendo uma excelente análise do medo em Goiás, aceita e aclamada por toda academia. Mas a ausência da palavra caipira, continua nos incomodando.

Pois aquele que em Pires, Candido, Ribeiro, e Brandão é o sujeito da História (o que desbrava sertões, ocupa terras, planta, colhe, canta, festeja, cria um modo de vida, uma nova cultura), praticamente desaparece nos textos citados e em muitos outros. Ele é vencido

pelas forças a que foi e ainda é exposto: a das elites latifundiárias, do avanço da modernização e do preconceito. Fica somente o lavrador, o homem do campo, o camarada, o roceiro. A designação “caipira” passa a ser citada, na maioria das obras, como adjetivo, o próprio Brandão usa muito “o lavrador caipira”, “o camponês caipira” (BRANDÃO, 1983), mas em outros autores, quase sempre o sentido é depreciativo mesmo.

ORIGENS DA CONSTRUÇÃO

O caipira sempre existiu no Brasil! A palavra pelo menos. Isso se considerarmos, como supõe Cornélio Pires, que pode ser esta, uma variante da palavra “caapiara” que em tupi-guarani significa lavrador, o que caipira, também significa.

O Dicionário Aurélio define o verbete “Caipira” como substantivo: “Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros”, mas também como adjetivo: “Diz-se do indivíduo sem traquejo social, cafona, casca grossa.” (FERREIRA, p.314).

Ferreira insinua que não são todos os do campo que são caipiras, a palavra “particularmente” distingue os que têm instrução. Seriam caipiras somente os que não têm instrução, os que não têm traquejo social, são desajeitados ou desengonçados (canhestros) e que por isso podem ser chamados também de cafona e casca grossa.

No Dicionário Ilustrado Lello, Caipira é: “Avarento. Nome depreciativo,... homem do mato, rústico, labrego”, (Lello, 1966. P.190), O que é significativo, uma vez que se trata de um dicionário editado em Portugal em 1966. Em tempo: labrego, segundo o dicionário Aurélio, quer dizer malcriado, grosseiro.

O dicionário Priberan, na internet (<http://www.priberam.pt/dlpo> Acesso dia 08 jul 2016), que pelo sufixo “.pt” de seu endereço, também deve ser de origem portuguesa, diz que existem definições no Brasil e em Portugal e que também existem definições depreciativas, como abaixo:

Caipira

(origem controversa, talvez do tupi) adj. 2 g. s. 2 g.

1. [Brasil]. Que ou quem mora no campo, na roça. = MATUTO, ROCEIRO

2. [Brasil, depreciativo] Que ou quem tem modos considerados rústicos, simples, grosseiros ou incultos. = CAPIAU, JECA, MATUTO, ROCEIRO, TABARÉU
3. [Brasil, depreciativo] Que ou quem revela falta de requinte ou de bom gosto. = BREGA, CAFONA, MATUTO, PROVINCIANO
4. [Brasil] Que ou quem é tímido, pouco sociável. = ACANHADO, MATUTO, TABARÉU
5. [Brasil] Que é próprio ou típico do campo, da roça. = MATUTO, ROCEIRO
6. [Brasil] Que é relativo a festa junina.
7. [Portugal: Minho] Avarento, sovina.

O que teria ocorrido através dos tempos para que uma palavra definidora do homem que trabalha a terra em uma determinada região, passasse a ter tantos outros significados?

Podemos observar claramente, que houve um processo de degradação no significado da palavra, e se quisermos observar este processo mais de perto teremos que nos aproximar do sujeito, do indivíduo que “carrega esta pecha” e também do “outro” que lhe imputou esta. Pois como bem o disse Brandão:

... o caipira sai como o viu e pensou uma gente letrada e urbana. Por isso, comparado com o cidadão, o citadino livre do trabalho com a terra, o caipira sai dito pelo que não é e adjetivado pelo que não tem. Ele é ponto por ponto a face negada do homem burguês e se define pelas caricaturas que de longe a cidade faz dele, para estabelecer, através da própria diferença entre um tipo de pessoa e a outra, a sua grandeza. (BRANDÃO, 1983 p.04)

Um dos primeiros registros dessa gente letrada e urbana que viu o caipira é o de Auguste de Saint Hilaire, um botânico francês, um cientista europeu que veio ao Brasil a convite da Família Real na primeira metade do sec. XIX. O caipira não era, absolutamente, seu objeto de estudo, mas pelas suas andanças pelos sertões, ele os via: “Desde Vila Boa até Rio das Pedras, tinha eu quiçá cem exemplos dessa estúpida indolência...” (SAINT HILAIRE). Na capital da Província, na cidade de São Paulo, lá estavam eles: “seu andar é pesado, e tem o ar simplório e acanhado. Pelos mesmos tem os habitantes da cidade pouquíssima consideração, designando-os pela alcunha injuriosa de caipiras...” (idem),

Saint Hilaire diz que caipira seria uma “alcunha”, um apelido depreciativo, porque deriva de curupira, um “demônio malfazejo que habita as florestas”(idem). Para Ortêncio (1983 p.139) o Curupira é um “Duende do Sertão”. Para Ferreira (1986 p.513) o Curupira é um “ente fantástico que habita as matas, um índio que tem os pés virados para trás” e Duende “é

um ente fantástico que aparece a noite fazendo travessuras” (idem p.613). Sabemos das versões e mudanças a que estão sujeitos o conto popular e o folclore. A história do Curupira de hoje em Goiás provavelmente não é a mesma história contada na pequena cidade de São Paulo do começo do sec. XIX, e as pessoas que passaram as informações a Saint Hilaire, podiam relacionar o caipira ao curupira simplesmente porque os dois habitavam as matas.

O resto pode ter nascido de suas próprias observações. Carregado das lembranças do camponês francês, Saint Hilaire olha para o caipira, faz comparações e registra suas impressões: “... homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes e, talvez, por excessos venéreos primários, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas do campo. ” (X FACTOR BRASIL 13). Quando se vê obrigado a procurar abrigo em uma cabana caipira, despreza o que vê: “admirei-me da desordem e da imundície reinantes na mesma... a indumentária dos pobres habitantes de Rio das Pedras era tão imunda quanto suas cabanas... à indolência juntam eles, geralmente, a idiotice e a impolidez...” (idem, p. 35). E tem mais:

Muitos dentre eles eram desfigurados por enorme papo. As mulheres tinham os cabelos desgrenhados e o rosto e o peito cobertos de sujeira; as crianças pareciam enfermas e eram tristes e apáticas; os homens eram abobados e estúpidos. Parece que esses infelizes tinham muita preguiça para o trabalho, só cultivando o estritamente necessário à satisfação das próprias necessidades, e a seca do ano anterior levou ao cúmulo a sua miséria. Quase por toda a pane me pediam esmola; desde que me encontrava no Brasil, não presenciara em pane alguma tamanha pobreza. (Ibidem, p. 35)

No início do século vinte, três vezes se erguem em defesa do caipira: Waldomiro Silveira com “O mundo Caboclo” (1920), Amadeu Amaral com “Dialecto Caipira” (1920) E Cornélio Pires que “ realizava, desde 1910, tournées pelo interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás com o grupo musical Turma dos Caipiras que entoava cantigas e contava anedotas sobre o cotidiano caipira. Pires também publicou inúmeros livros, entre eles “Musa Caipira” (1910), “Quem conta um conto” (1916), “Conversas ao pé do fogo” (1921), em todas as suas outras obras, procurou divulgar a cultura caipira identificada na região de Tietê (São Paulo), o modo de vida do caipira, e a riqueza de seu linguajar.

Em 1914 Monteiro Lobato desiludido com a atividade agrícola em uma fazenda que havia herdado do avô em Taubaté, publica no Jornal O Estado de São Paulo, o artigo

intitulado “Velha Praga” em que despeja toda sua frustração sobre o caipira, que no texto ele chama de caboclo. Mais tarde o artigo faria parte do livro Urupês.

Carlos Rodrigues Brandão resume o pensamento de Lobato:

o caipira paulista típico é um sujeito ainda mais desgraçado do que o de Saint-Hilaire. Ele coexiste com o atraso, de quem não é vítima, mas produtor, com a coivara, a doença e a absoluta ignorância. Coexiste com o rancho de sapé aos pedaços e com a reprodução da miséria. É um destruidor da natureza e este parece a Monteiro Lobato ser o único trabalho que ele realiza com proveito e eficácia (BRANDÃO, 1983).

Lobato estigmatizou o caipira, chamou-o de “piolho da terra”, diz que é “uma quantidade negativa” e o acusa de preguiça, de nomadismo, de destruição da natureza e por fim o batiza com um nome que se tornará um sinônimo de caipira: Jeca-Tatu. Carregado de toda a visão negativa de Lobato, “Jeca Tatu” se tornou, utilizando as palavras de Saint Hilaire, a “alcunha injuriosa”. Cornélio Pires, em defesa do caipira, brada que:

O nosso caipira tem sido vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens sem conhecimento direto do assunto, baseado em rápidas observações sobre mumbavas e agregados (...) certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o todo pela parte, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, idiota e nhampan (PIRES, 1987, P.3).

Quatro anos depois de ter criado o Jeca, influenciado por teorias higienistas, Lobato volta atrás, e agora descobre que a apatia do caipira tinha sua origem em problemas de saúde, advindas de grandes problemas nacionais como o subdesenvolvimento, a fome e a exclusão social. Em 1920 cria a história de Jeca Tatuzinho, que em 1924 passa a ser distribuída sob a forma de folheto para a campanha publicitária do Biotônico Fontoura. Vale a pena reproduzir alguns trechos do folheto (disponível em <http://historianovest.blogspot.com.br/2010/11/monteiro-lobato-jeca-tatuzinho.html>, acessado em 15.06.2016):

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes

cigarrões de palha, (...): - Que grandessíssimo preguiçoso! (...) Além de vadio, bêbado. (...) - Que criatura imprestável!

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. [Trabalhar](#) não era com ele. (...) - Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

Jeca então é diagnosticado, remediado e curado: “Pois é isso, São Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência. - Nunca mais!”. Jeca era um novo homem, a preguiça foi embora e o sítio progrediu:

Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. (...) quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. (...) Jeca aprendeu a ler e escrever e até a falar inglês: O Jeca só fala inglês agora. Não diz porco; é pig. Não diz galinha; é hen..., (...) - Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um "estranja" legítimo, até na fala”.

Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão e um repuxo de milho atraía todo o galinhame!... Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe. Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um aparelho de televisão.

Mesmo que Lobato reconheça que o caipira não era assim, que ele estava assim, na história primeiramente, ele reafirma sua visão de “Velha Praga”: O caipira na pessoa do Jeca Tatuzinho, mesmo que por doença, é preguiçoso, vadio, imprestável, bêbado e idiota. O que Lobato prega é a cura do povo caipira, a transformação dos caipiras em “estranjas”, mais do que isso: Lobato propõe a cura do mundo caipira.

O folheto era distribuído gratuitamente em farmácias e armazéns onde o Biotônico era vendido. Nas comemorações dos 100 anos do nascimento de Lobato, completaram 100 milhões de exemplares publicados do Jeca Tatuzinho (Idem). Foi considerada "à obra-prima da comunicação persuasiva de caráter educativo, plenamente enquadrada na missão social agregada ao marketing e à propaganda"(ibidem). Diante da grandiosidade dos números desta campanha que não serviu somente para vender o Biotônico, os quarenta anos de atividade literária e artística de Cornélio Pires, defendendo e enaltecendo o caipira, se torna muito pouco.

A modernização da sociedade, tanto na cidade quanto no campo, a popularização dos meios de comunicação e transporte, o “nascimento” das cidades planejadas no cerrado, e o crescimento de outras tantas sem planejamento algum, os movimentos de migração, entre outros fatores (inclusive o folheto do Lobato), causaram forte impacto no universo da cultura caipira, e conseqüentemente, muitas transformações.

Desde a apresentação da tese de doutorado de Antônio Candido, “Os Parceiros do Rio Bonito” em 1954, (o livro só foi publicado em 1964), o caipira (com sua diversidade de nomes) aparece muito como objeto em estudos academicos.

CAIPIRA: REPRESENTAÇÕES E A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO:

Dissemos no início que entendemos o gesto de substituição da palavra como uma possível ocultação do sujeito, da representação mental que o autor tem do caipira no momento da escrita. Brandão (1983) inicia “Os caipiras de São Paulo” com uma pergunta:

“Camponês”, “caboclo”, “caipira”, “roceiro”, “sertanejo”, “capiáu”... com que nomes e símbolos reais ou ilusórios essa gente rural dos sertões de ontem e de agora habita o seu imaginário e o meu, leitor? Que homem caipira real existiu e existe ainda hoje em São Paulo e que personagem dele há dentro de cada um de nós?”

Que nomes ou símbolos habitavam o imaginário de Lobato quando criou o Jeca? Ou o de Saint Hilaire quando escrevia seus relatórios de viagem? Ou o de Pires quando escreveu seus livros?

Numa sociedade multimidiática como a que vivemos, com a quantidade de informações a que somos submetidos, quando juntamos as letras e a palavra “CAIPIRA” surge, muitas imagens emergem de nossa memória: Interior, fogão de lenha, roça, Mazzaropi, simplicidade, terra arada, comidas gostosas, fé, estrada de terra, porteira, Chico Bento, fazenda, festa junina, cachaça, o jeito diferente de falar, carro de boi, Nelson da Capitinga, botina, viola, festas, Nilton Pinto e Tom Carvalho, catira, enxada, milho verde, Geraldinho, cavalo, pescaria, etc. Até aqui, propositadamente, confessamos, coisas e pessoas boas, alegres, engraçadas, poéticas, gostosas que compõem o universo cultural do caipira. Alguns

personagens são até caricatos, exagerados aqui e ali, mas já foram incorporados ao imaginário popular

Mas experiências pessoais e informações podem trazer outras imagens: Jeca Tatu, pobreza, isolamento, ignorância, exclusão, doença, cachaça/alcoolismo, preguiça, sujeira, feiura, idiotice, impolidez, miséria, submissão, atraso, nomadismo, fome, falta de higiene, ridículo, inútil, vadiagem, indolência, etc... A maioria destes nomes e símbolos possivelmente emergiram no imaginário de Saint Hilaire e Lobato. O caipira que nasce a partir desses signos é um pária de quem as pessoas querem se afastar. Melhor nem dizer o nome, alguns diriam. E assim fazem.

Disseram se tratar de áreas isoladas, que eram vazios demográficos os locais escolhidos para a instalação de colônias agrícolas em Goiás, para a construção de Goiânia ou Brasília ou para a construção de hidrelétricas cujos lagos fizeram submergir enormes áreas. Os caipiras lavradores ali instalados, as vezes por gerações, realmente pouco ou nada representam para eles. Makowiecky (2003, p. 5), seja citando Pesavento, que afirma que “imaginário é um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” ou afirmando que “as representações objetuais, expressas em coisas ou atos, são produtos de estratégias de interesse e manipulação” (idem), nos ajuda a compreender este “fenômeno” de esquecimento destas populações.

No decorrer do século vinte, muitos foram os que trabalharam na construção (ou desconstrução) da imagem do caipira, de modo que aprendemos a reconhecer o caipira como descrevem os dicionários, pintam os quadros, relatam os livros e exibem os filmes. Autores mais recentes também aprenderam assim, e conseguiram produzir importantes estudos históricos, geográficos, culturais, sociológicos, etc. tratando de assuntos como a posse da terra, conflitos regionais, fronteira, latifúndio, cultura, música, e até do cotidiano caipira... sem utilizar, como vimos, uma única vez a palavra caipira.

Ratificamos que isso não desmerece nem desqualifica, na maior parte das vezes, a produção, seja literária ou acadêmica. Mas sugere ou revela, senão o desconhecimento, ou o tal pudor, ou excesso de zelo cientificista, ou o que seria pior, o preconceito.

Não precisamos a esta altura do texto, “fazer de conta” que sentimentos como o preconceito em relação ao caipira não existem. Leite diz que em todas as pessoas “parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação e outra de desprezo e recusa” (LEITE. 1969, p.11).

Seria normal diante do estranho, as reações de medo, repugnância e asco, como a que sentimos diante de alimentos exóticos. E os motivos desta resistência podem ser de caráter estético ou intelectual (idem, pg.12). Leite afirma também que essas tendências, quando acentuadas, dão início a um processo de xenofilia (desprezo por seus padrões e afirmação dos padrões do grupo estranho) ou de xenofobia (rejeição total aos padrões do grupo estranho) (idem, p.13).

A cultura caipira nascida em um contexto de isolamento, frente ao estranho mundo moderno, vive em contínuo, lento e intenso processo de adaptação e transformação. E não poderia ser diferente, pois um caipira que rejeite os padrões opostos, estará condenado a um estado de desajustamento social; por outro lado a xenofilia para o caipira, o tornaria infeliz e talvez, rejeitado pelos dois grupos.

Citando George P. Murdock, Leite conta que quando em processo de adaptação, um grupo comete desvios em relação aos padrões estabelecidos. O desvio, então, é considerado errado ou criminoso. E com a reincidência dos erros, finalmente, num processo de etnocentrismo ou autoritarismo, este grupo é considerado perverso, imoral (LEITE. 1969 p.17).

Sem chegar a usar de termos tão extremados, o processo descrito se assemelha a adaptação do caipira ao mundo moderno e cheio de regras das cidades, e à dificuldade de aceitação que sofre.

Por sua vez, o indivíduo urbano diante do caipira (o estranho), também reage. Alguns aceitam, outros poucos admiram, mas muitos reagirão como Saint Hilaire. Como se estivessem frente a um alimento exótico. Muito fora dos padrões.

Nina Rodrigues, um teórico do preconceito racial no começo do século XX, sustentado pelo determinismo biológico aceito pela ciência da época, afirmava que os defeitos “de nossos mestiços, são um legado de seus maiores (...) os mestiços de selvagens (muitos caipiras por essa época eram mestiços de índios) são capazes de inteligência

desenvolvida, mas são fracos, indolentes e imprevidentes” (LEITE. 1965 p.217). Cabe aqui um “causo”:

Um articulista do Jornal A REDE, de Goiânia, criticando um pré-candidato que na festa de filiação partidária, tocou um berrante, comentou: “o eleitor vai se *envergonhar* de votar nele, ... *Ninguém é evitável por ser caipira*. O problema de Junior não é a *Jequice*, é a *jeguice*. *As pessoas se apiedam do Jeca*, mas evitam o *jegue*. *Até os caipiras correm para longe de algum caipira que precisa do seu voto ... Até os jecas não votam em jeca. ... a burrice não é problema*, o erro é potencializa-la...

Os grifos são nossos e servem para evidenciar o extremo preconceito do autor em relação ao caipira. Ele ainda vê o caipira como Nina Rodrigues, ou como Lobato o pintou em Urupês. O artigo descreve o caipirismo do político, como se fosse um grande defeito, que as pessoas suportam socialmente, mas é inaceitável em políticos. Sugere enfim que o caipira, que o candidato incorpora, está potencializando a burrice.

O artigo termina dizendo que o político “contratou equipes de marketing de âmbito nacional e o máximo que conseguiu até agora foi se tornar uma piada”.

Isso nos lembra o caso do banco CAIXEGO, a extinta Caixa Econômica do Estado de Goiás que no seu auge, nos anos 80, encomendou uma campanha de final de ano. A agência então, colocou o caipira Geraldinho transmitindo as mensagens do Banco para os expectadores. Foi um grande sucesso na época, que acabou alavancando a carreira do finado e ainda famoso contador de causos.

São casos que me causam estranheza: Uma instituição financeira no seu auge, que opta pelo uso da imagem e da fala do caipira para se comunicar com sua clientela e um candidato milionário que deixa claro sua origem caipira... apesar de toda carga negativa que depositaram nesta figura.

A ciência moderna atesta que Nina Rodrigues estava errado e o caipira prova isso quando mesmo “aparentemente preso às tradições, são capazes de rápidas mudanças, embora continuem formalmente fiéis à tradição” (LEITE. 1965 p. 125)

Não obstante a já enunciada construção do preconceito, “a existência, (ainda hoje), da cultura caipira, já é uma prova da integração de traços da cultura primitiva com a cultura civilizada” (idem, p.121); Muito se deve ao fato de que, durante o Séc. XX, paralelamente

aconteceu também um grande movimento apologético do caipira, na literatura e em todos os meios de comunicação, chegando na atualidade, a um ufanismo da identidade caipira, como o que ocorre em algumas regiões do interior do estado de São Paulo e Minas Gerais onde muitos se auto definem como caipira.

No estado de Goiás, apesar de campanhas como a realizada nos anos 80 pela AGI – Associação Goiana de Imprensa, e recentes vinhetas televisionadas pelo governo do Estado e pela TV Anhanguera, que como em uma busca de afirmação de identidade pregam uma tal “Goianidade”, utilizando-se de símbolos da modernidade ilustrados com elementos culturais do universo caipira goiano, somente em eventos e grupos pontuais o fenômeno se repete, mas acreditamos que ainda em pequena escala.

CONCLUSÃO

Ao final de nossas observações, percebemos que, apesar do Estado de Goiás compor a região da Paulistânea, descrita por vários autores como a região ocupada pelo tipo rural brasileiro a que se chamou de caipira, apesar de continuadas campanhas oficiais ou midiáticas de afirmação de identidade, a que chamam de “goianidade” e que se utiliza de símbolos da cultura caipira, verificamos que ainda existe uma certa dificuldade em aceitar, o que nos parece, sua identidade caipira, e acreditamos que isto talvez se deva a construção da imagem caricata e preconceituosa que fizeram do caipira.

A partir dos casos observados brevemente neste texto, concluímos que além das representações e ideologias existentes relacionadas à definição do caráter caipira, de forma negativa e preconceituosa, em grande parte, não representam uma autêntica e definitiva imagem do caipira, e sim obstáculos a serem superados para que um povo, uma cultura se torne livre de preconceitos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, Janaina. *Nação, sertão e região*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. vol.8, n.15, 1995. p.145, 151. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/169.pdf>. Acesso em 04 Out. 2005.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialecto Caipira*. São Paulo: Casa Editora “O Livro”. 1920

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Os caipiras de São Paulo". São Paulo: Brasiliense, 1983

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

ELIS, Bernardo. Seleta; organização de Gilberto Mendonça Teles; estudo e notas do Prof. Evanildo Bechara. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

FERREIRA, Leonardo da Costa. Lobato versus Pires: Uma discussão sobre o lugar docaipira no futuro da República. XIII encontro de História Anpuh-Rio

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: J.E.M.M., 1986.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro – História de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.

LELLO, José e Lello, Edgar, Dicionário Prático Ilustrado Luso-Brasileiro. Lello e Irmãos Editores. Porto, 1966 p.190.

LOBATO, Monteiro; Velha Praga; O Estado de São Paulo; 12/11/1914

MAKOWIECKY, Sandra. *Representação - a palavra, a idéia, a coisa*. in Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas Nº 57 PPGICH, Florianópolis: UFSC, 2003

OLIVEIRA, Eliéser Cardoso de. *Chacinas, combates & massacres: medo e violência em Goiás*. Goiânia: Editora Kelps, 2013.

PESAVENTO, Sandra J. *Representações*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol.15, nº 29, 1995

ORTÊNCIO, Bariani. Dicionário do Brasil Central. São Paulo: Editora Ática, 1983.

PIRES, Cornélio; *Conversas ao pé do fogo*; São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 1987.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006

SILVEIRA, Waldomiro. O mundo Caboclo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

ARTIGOS DE JORNAIS

GOMES; Nilsom, **O Chico Bento que falando é um berrante e pensando é um boi..** Jornal A Rede, pg. 3. Goiânia, 09.06.2013

